

**UM CAMINHO PARA A INFÂNCIA: SAINDO DE ENCRUZILHADAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.** Márcia Regina Canhoto de Lima; José Milton de Lima. (Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Campus de Presidente Prudente).

Eixo 03: Projetos e práticas de formação de professores.

Esta pesquisa, que teve como tema a Educação Infantil e como objeto de investigação os quatro eixos estruturadores das culturas da infância, que são: a interactividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reinteração, foi desenvolvida durante um período de três anos, em duas Escolas Municipais de Educação Infantil, denominadas de EMEIF-A e EMEIF-B<sup>1</sup>, ambas localizadas no município de Presidente Prudente. Contou com a participação de vários sujeitos, entre os quais alunos dos cursos de Educação Física, Pedagogia, Arquitetura e Urbanismo e dois professores doutores, uma do Departamento de Educação Física e outro do Departamento de Educação. Todos, membros do CEPELIJ (Centro de Estudo e Pesquisa em Educação, Ludicidade, Infância e Juventude) da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, Campus de Presidente Prudente, além das profissionais em educação e crianças das duas Escolas Municipais contempladas.

Estudos mostram que a maioria das pessoas ainda desconhece ou ignora as culturas das crianças, que as distinguem dos adultos e as instrumentalizam para lidar com o mundo. Na maioria das vezes, as conceituações sobre infância estão camufladas em visões de adultos referentes às suas próprias experiências da infância. Dessa maneira, buscou-se, nesta pesquisa, contribuir com a produção de indicativos que colaborem para a mudança de concepções que norteiam o trabalho pedagógico na Educação Infantil, no que diz respeito às atividades que privilegiem a infância como categoria e as culturas infantis como um tipo de identidade caracterizadora, desse grupo social.

As Instituições de Educação Infantil estão sendo desafiadas, frente à infância do século XXI, a atuarem de maneira diferente. O processo educacional precisa estar pautado dentro de uma concepção que reconheça a criança como ator social, um entendimento diferente daquele que por séculos foi veiculado, e que a concebida como simples receptora da cultura ou dos processos de socialização propostos pelos adultos. Segundo SCHERER (2007 p.16), as crianças são verdadeiros “sujeitos construtores de cultura”, mas não fazem isso de forma passiva, reinterpretam-na em seu dia a dia, possuem uma forma própria de apropriação e re-significação. Uma cultura, que se relaciona também nos diversos contextos da Educação Infantil.

Neste sentido, várias áreas, entre elas a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Filosofia, a História e a Pedagogia, vêm contribuir para

o avanço do conhecimento sobre esta temática. Apoiando-se no pressuposto da Sociologia da infância, buscou compreender a infância na sua pluralidade, contribuindo para que as crianças fossem vistas como atores sociais plenos nas duas instituições parceiras.

Trata-se de uma concepção de infância que vem sendo defendida por estudiosos da Educação Infantil, que se contrapõe a uma imagem que durante muito tempo foi entendida de outra forma. A infância não pode ser vista apenas como um dado universal e nem como uma categoria natural, mas essencialmente como uma construção histórica, cultural e social.

É possível entender as culturas da infância como expressão histórica, ligadas ao contexto social e suas transformações. Desta forma, não se pode continuar a limitar o olhar somente ao aspecto biológico, para se entender realmente a criança. É necessário se interessar por suas manifestações, em consequência, ter-se-á uma melhor compreensão da própria sociedade mediante um olhar diferenciado.

As culturas da infância se constituem na sociedade em que as crianças estão inseridas, descrevendo, assim, as características do seu meio, contudo, de uma forma particular, o que leva a importância das culturas da infância a assumir o próprio processo de construção da infância. Isso possibilita, que as diversas manifestações das crianças sejam vistas na descrição das suas realidades, que compreendidas no espaço educacional, auxiliam no entender das características de cada criança (SARMENTO, 2006). Desta forma, é importante destacar os eixos estruturadores das culturas da infância, que abrem perspectivas para a investigação nesta área do conhecimento. Sarmiento (2004) destaca quatro eixos estruturadores, a saber: a interactividade, a ludicidade, a fantasia do real, e a reiteração.

Em relação ao eixo *interactividade*, Sarmiento (2004, p.23), mostra que a criança vive num mundo heterogêneo, onde ela está em contato com várias e diferentes realidades e que permite a formação da sua identidade pessoal e social. A escola, a igreja, a família, as atividades sociais, os seus pares, entre outros, auxiliam neste processo. Por isso, para que a aprendizagem se concretize, a cultura de pares que é estabelecida quando as crianças partilham do mesmo espaço e se relacionam umas com as outras precisa ser garantida.

No que se refere a Ludicidade, ela representa um aspecto essencial das culturas infantis. A natureza interativa do brincar é um dos primeiros componentes das culturas da infância. “O brinquedo e o brincar são também um

factor fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis” (SARMENTO, 2004, p. 26).

Quanto ao eixo, *fantasia do real*, o autor mostra que é por meio do mundo da fantasia, que a criança atribui significado às coisas e constrói a sua visão de mundo. É uma capacidade de resistência frente às situações indesejáveis, dolorosas, vivenciadas pelas crianças. A vivência da fantasia do real possibilita à criança experimentar e re-significar papéis sociais como palhaço, motorista, professor, pai, mãe, entre tantos, no seu meio cultural.

Sobre a *reiteração*, Sarmento (2004) aponta que o tempo da criança é sempre provido de novas possibilidades, capaz de ser repetido, reiniciado a qualquer momento. Este tempo tanto pode ser no plano sincrônico, no qual rotinas e situações são recriadas, como no plano diacrônico, por meio da transmissão dos jogos, brincadeiras e rituais “[...] das crianças mais velhas para as crianças mais novas, de modo continuado e incessante, permitindo que seja toda a infância que se reinventa e recria, começando tudo de novo” (Sarmento, 2004, p. 29). Durante as atividades de brincadeira, as crianças normalmente trocam de papéis, iniciam e finalizam na hora em que bem pretenderem, mostrando que para elas não existe linearidade durante a brincadeira. Isso demonstra que o tempo da criança é feito de várias possibilidades e que a interpretação do sentido de tempo a elas é recursiva, não havendo início, meio e fim.

Neste sentido, a criança deve ser respeitada na sua especificidade e, portanto, deve lhe ser garantida a participação significativa nas mais diversas experiências. Para Sarmento (2004) um bom trabalho pedagógico na Educação Infantil, se inicia pelo reconhecimento das culturas da infância, com seus quatro eixos estruturadores, concebendo a criança como sujeito social, intérprete e produtor de cultura.

### **CAMINHOS DA PESQUISA**

Para que os dados pudessem ser devidamente analisados e interpretados, transformando-se em conhecimentos relevantes para a área, selecionou-se a pesquisa-ação como procedimento técnico escolhido.

Nesta pesquisa, como destaca Tiollent (1988), o planejamento foi bastante flexível, as fases não foram rigidamente ordenadas, seguidas criteriosamente uma após a outra, mas seguiu uma escala própria determinada a partir do plano de ação, elaborado com todo o grupo. O plano de ação foi delineado nas primeiras reuniões realizadas pelos dois grupos participantes da pesquisa. Houve a participação de todos os sujeitos e foram elaboradas as primeiras

propostas metodológicas, que incluíram a discussão do tema, a realização do diagnóstico, a colocação do problema da pesquisa e os seminários

Em relação aos seminários, segundo Thiollent (1988), ele é fundamental, pois, agrega os principais sujeitos da equipe de pesquisadores e dos grupos envolvidos no problema a ser investigado. O autor salienta, que “[...] o papel do seminário consiste em examinar, discutir e tomar decisões acerca do processo de investigação” (Ibidem, p. 58).

Os seminários se tornaram fonte primária de conhecimentos que subsidiou toda a pesquisa, neles obteve-se a participação de todos, ou seja, docentes e discentes universitários, educadoras e gestoras das EMEIFs. Foram momentos riquíssimos que possibilitaram o aprofundamento teórico, a reflexão, a discussão, as interpretações, as tomadas de decisões.

O trabalho em seminário, foi dividido em dois grupos. O primeiro contou com a participação apenas dos membros da equipe, vinculados à universidade, docentes e discentes, bolsistas e colaboradores para estudar, planejar e avaliar as ações da pesquisa. Esse seminário foi realizado todas às terças-feiras, das 14h às 17h e foi intitulado como Grupo de estudo e intervenção na escola. Neste grupo, os participantes se reuniam para estudar vários textos e autores, avaliar e sistematizar os dados coletados da semana anterior e preparar as aulas, sempre com uma semana de antecedência, o que era transmitido do por e-mail para as EMEIFs, a fim de que as educadoras, a cada semana, tivessem o plano de aula em mãos e pudessem discutir e reorganizar, se fosse o caso, com os discentes da FCT/UNESP. Também todas as quartas-feiras, nas duas EMEIFs, os discentes bolsistas e colaboradores da FCT/UNESP, realizaram, juntamente com a educadora de cada sala, atividades relacionadas à temática, as atividades trabalhadas com as crianças foram: as brincadeiras, os jogos de imaginação, de papéis ou de regras e a produção de brinquedos, o que possibilitou levantar questionamento para serem posteriormente discutidos. Quinzenalmente, às quintas-feiras, participavam no grupo de pesquisa “Cultura Corporal: saberes e fazeres”.

O outro grupo, envolveu as educadoras e as gestoras das EMEIFs, juntamente com os docentes e os discentes da FCT/UNESP. O objetivo, nesses encontros, consistia em colocar à disposição das educadoras os conhecimentos teóricos e práticos para tornar possível a discussão dos problemas. Os encontros eram realizados, em cada escola, uma vez por mês, nas reuniões das Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPCs) e em momentos de formação continuada, presentes no calendário escolar das EMEIFs.

Esses seminários tinham como objetivo a discussão e a reflexão sobre a temática das culturas da infância. Também fizeram parte dos seminários a superação de problemas, ajustes, críticas, proposições, análises, registros, troca de informações, experiências e conhecimentos sobre a forma pela qual o jogo, a brincadeira, o corpo, a compreensão dos estágios de desenvolvimento, as interações sociais, o tempo destinado às atividades e o processo de mediação.

Além desses encontros, também foram realizadas, com os dois grupos, duas reuniões anuais – uma em julho e outra no começo de dezembro de cada ano – com o intuito de avaliar os trabalhos realizados nos semestres e encaminhamentos de procedimentos futuros. Todas as informações debatidas foram descritas em forma de atas, que serviram de material de análise da investigação.

Em relação a coleta de dados, segundo Thiollent (1988, p. 64), além de escolher as técnicas utilizadas, é importante também buscar a informação necessária para o andamento da pesquisa, buscando responder as solicitações do seminário central. Aqui a coleta de dados contou com quatro instrumentos: a observação, a análise documental, os questionários e as entrevistas.

O primeiro instrumento designado de observação foi fundamental e serviu de suporte para discutir com as educadoras o referencial teórico adotado. Este instrumento foi realizado pelos discentes da FCT/UNESP e pelas educadoras das EMEIFs. Em relação aos discentes, as observações foram realizadas nas intervenções envolvendo as crianças e as educadoras. Enquanto um grupo trabalhava as atividades lúdicas com as crianças, o outro fazia os registros necessários em um caderno, chamado diário de campo, observando e anotando tudo o que era pertinente à pesquisa. Quanto às educadoras, as suas observações eram realizadas nas aulas dadas pelos discentes da FCT/UNESP, como também em seu trabalho durante a semana com as crianças.

O segundo instrumento foi a análise documental, aqui foram utilizados documentos das EMEIFs, tais como: Projeto Político Pedagógico, Plano Diretor, algumas fitas de vídeo gravadas nas atividades com as crianças e fotos.

O terceiro e o quarto instrumentos foram os questionários e as entrevistas realizadas com as educadoras, as gestoras e as crianças das EMEIFs. Para que a coleta de dados se tornasse viável, foram disponibilizados os seguintes recursos: câmara filmadora, videocassete, máquina fotográfica e multimídia. Procurou-se documentar as ações por meio de filmagens, fotos e anotações registradas nos diários de campo, garantindo dados que servissem de suporte para

análise, discussão, avaliação e produção científica. Do conjunto do material coletado, foi selecionado o que será apresentado a seguir.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O adulto aqui representado pelas educadoras foi o principal ponto de partida da pesquisa, pois a expectativa de todos era compreender a infância na sua especificidade e a partir disso buscar maneiras significativas para o processo de aprendizagem e desenvolvimento integral da criança. Partindo do referencial teórico, analisamos conjuntamente rotinas e currículos, observamos a variedade e o equilíbrio das atividades, procurando disponibilizar, através dos eixos das culturas da infância, um modo ou um percurso diferente de se conduzir o processo de ensino-aprendizagem, visando a formação global da criança. Neste sentido, apresentaremos os resultados e a discussão, em dois momentos, o primeiro em relação às educadoras das EMEIFs e o segundo referente às crianças.

Em relação as educadoras, foi observado que no início das intervenções, a atuação delas em relação ao jogo e a brincadeira era tímida e suas ações eram apenas no sentido de intervir para manter a disciplina por parte das crianças. Elas tinham dificuldades em ouvir as crianças, pois achavam que as mesmas em decorrência da idade, eram imaturas, ingênuas, incapazes e precisavam de amparo e proteção.

Conforme o trabalho foi evoluindo e os estudos ficando mais efetivos, aos poucos, a atuação das educadoras foi assumindo um caráter diferente, elas se sentiram mais seguras e passaram também a mediar as atividades e se tornaram co-parceiras das ações desenvolvidas.

Através dos estudos e reflexões as educadoras começaram a mudar a sua maneira de pensar e de agir em relação às crianças e passaram a concebê-las como sujeitos sociais. Observaram nas crianças aspectos que até o momento tinham passado despercebidos e que com a posse de um arcabouço teórico, vários elementos, outrora desconsiderados, começaram a fazer sentido. Objetos, brinquedos, valores morais, interações, ganhavam nova conotação dentro do contexto.

A pesquisa desenvolvida nesses três anos, apesar dos problemas e obstáculos, encontrados no dia a dia, promoveu avanços e transformações nas duas EMEIFs. Os resultados em relação às educadoras extrapolam os que foram descritos acima, porém, o mais significativo foi refletir juntos nesse período, a nossa opção política frente à infância contemporânea. Um compromisso assumido que advoga a favor da vivência da infância na sua plenitude, onde a criança tenha

direito a ludicidade, a interação, a imaginação, ao afeto, ao conhecimento significativo de diversas linguagens. Finalmente, que elas vivenciem práticas bem sucedidas para que encontrem sentido e sintam prazer em estar ali.

Em relação as crianças, trabalhar com as culturas da infância nas duas EMEIFs nos relacionando com as crianças foi fato decisivo para ampliarmos a nossa compreensão deste universo, tivemos que aprender muito, mas também desaprender várias coisas. A bibliografia existente foi relevante para o embasamento teórico, mas as relações estabelecidas no contexto, nos possibilitando conhecer mais sobre a criança, rever vários conceitos, concepções e maneiras de se trabalhar na Educação Infantil nos enriqueceram muito. Neste sentido, apresentaremos os resultados do trabalho realizado em relação aos quatros eixos das culturas da infância desenvolvidos ao logo desses três anos de pesquisa.

Em relação a interactividade, no decorrer do processo, os resultados começaram a aparecer e de certa forma foram surpreendentes. Durante o desenvolvimento da pesquisa, as educadoras investiram em ações que possibilitaram as trocas, as interações, rompendo com a idéia de que as crianças devem descobrir as respostas sozinhas. O investimento neste eixo favoreceu outros comportamentos no contexto educacional em relação aos valores, atitudes e hábitos, o que foi sentido nas próprias atitudes das crianças. As educadoras perceberam vários avanços, a partir do investimento neste eixo, mas os pontos que mais destacaram foram: avanço substancial na questão da solidariedade, da colaboração e da cooperação entre as crianças a partir do investimento no trabalho coletivo.

No que se refere a ludicidade, ela colaborou para a aprendizagem em múltiplos aspectos, contribuindo para o desenvolvimento das potencialidades criativas das crianças, apesar de nesta pesquisa termos eleito algumas que merecem destaque, como é o caso das habilidades básicas fundamentais, a ampliação da cultura lúdica, a organização, as regras e a satisfação e alegria.

Em relação, às dificuldades motoras, o ganho foi substancial. Este aspecto foi o mais contemplado, chegando a um rendimento de 100% na EMEIF-A e 90% na EMEIF-B. O avanço foi visível, não somente nas atividades relacionadas a pesquisa, mas nos outros espaços em que a criança freqüentava na escola, existindo uma diminuição muito acentuada das quedas das crianças nas duas escolas. Os dados comprovaram que a cada dia, diminuía substancialmente o número de crianças que escorregava, tropeçava, trombava, caíam. Além desse

controle diário, esses dados foram constatados também na avaliação das educadoras e gestoras e depoimentos de pais.

No que se refere à ampliação da cultura lúdica, tivemos 100% de aproveitamento nas EMEIFs, o que comprovou que brincar não é uma coisa natural da criança, mas que deve também ser apreendida, portanto, oferecer espaços para que a brincadeira aconteça é essencial. Segundo Brougère (1997), a cultura lúdica precisa também de um ambiente que contenha objetos, principalmente o brinquedo, é formada por brincadeiras tradicionais, individuais ou universais, por costumes lúdicos e passados de geração a geração. Foi possível observar a evolução da autonomia das crianças diante das brincadeiras, pois elas participavam ativamente das aulas e era comum vê-las brincando em outros momentos e espaços da escola, fato que até então era difícil de acontecer. Os pais também trouxeram contribuições e relataram que elas passaram a brincar mais em casa, deixando um pouco de lado a televisão e ensinando para os irmãozinhos e coleguinhas várias brincadeiras que tinham aprendido.

Em relação à organização das crianças nas brincadeiras, também foram constatados avanços. Utilizando os jogos e as brincadeiras trabalhamos as habilidades fundamentais, entre elas: o correr, o saltar, o andar, o arremessar, o saltitar, o rolar, o quicar, desenvolvendo novas habilidades nas crianças. Com isso, elas passaram a ter mais liberdade para se movimentar, criar, organizar e administrar suas brincadeiras.

No que se referem às regras, os avanços aconteceram, mas não da maneira como as educadoras pensavam. No início da pesquisa, esse era o ponto que mais tínhamos dificuldades em trabalhar com as educadoras, pois elas queriam estabelecer regras rígidas e imutáveis com as crianças. Com o passar do tempo as crianças foram aprendendo a brincar diferente e a encarar as regras de outra maneira, o que possibilitou uma maior tranquilidade por parte das educadoras, favorecendo as interações, as trocas de ponto de vistas e a construção natural e gradativa das regras pelas crianças. Neste sentido, as educadoras perceberam que as regras existem, são muito importantes, pois as crianças não podem fazer “tudo” o que quiserem. Todavia, é preciso estabelecer formas flexíveis de inseri-las nos contextos, compreendendo o que as crianças de fato necessitam.

Em relação aos aspectos: satisfação e alegria, também, tivemos resultados satisfatório. No início da pesquisa, tínhamos crianças que não queriam fazer atividades, se sentiam tristes, inseguras e se recusavam terminantemente a participar das aulas. Algumas se agarravam nas educadoras, como se pedissem proteção. Neste aspecto tivemos 100% de resultados nas duas EMEIFs. As

educadoras diziam que as quartas feiras elas e as crianças se sentiam mais felizes. Entretanto, apesar do destaque nesses aspectos, outros também foram contemplados, pois a ludicidade promove muitos avanços, através dela a criança se desenvolve integralmente, se apropria do mundo real, se relaciona e se integra socialmente.

Quanto ao terceiro eixo a fantasia do real, foi compreendido que a imaginação também não aparece do nada, para que ela possa florescer é necessário que as crianças contemplem tempo, espaço e situações favoráveis às suas manifestações. Os resultados foram riquíssimos, as atividades extrapolaram o caderno, o quadro negro. As educadoras puderam avaliar os benefícios da brincadeira de imaginação para sua prática educativa e como utilizá-las como recursos pedagógicos.

De acordo com os dados coletados, o trabalho com esse eixo, possibilitou vários avanços, entre eles, destaque para: avanço na oralidade, na imaginação, na criatividade, na auto-estima e na socialização das crianças. Entretanto, o resultado mais relevante, foi observado em relação às educadoras, pois perceberam a importância de atuar como interlocutoras nesse processo. O conteúdo não precisa ser trabalhado, neste nível educacional, através de estratégias que anulem e neutralizem a criança, pois é possível verificar através dos trabalhos que as crianças desenvolvem sua imaginação através do que observam, dos modelos que incorporam, das situações que experimentam e presenciam, interpretando e incorporando estas vivências.

No que se refere a reinteração, foi possível aferir que as atividades realizadas pelas crianças perderam o olhar atento, rigoroso do adulto, sempre ansioso pelos objetivos e resultados a serem alcançados em cada atividade realizada. Aos poucos foi ficando claro que a criança não é atrasada, lenta em relação à outra, mas que cada uma tem seu tempo e que precisa ser respeitado.

No que se referem, às crianças os avanços foram constatados no plano sincrônico que significa a recriação das mesmas rotinas e situações e no plano diacrônico através das brincadeiras, jogos e rituais transmitidas das crianças mais velhas para as mais novas ou de geração para geração. Em relação ao plano sincrônico, foi percebido que as crianças tinham liberdade de repetir e recriar a partir dos seus interesses e práticas, que muitas vezes seguiam um ritual, sem o olhar contestador do adulto, querendo determinar do que brincar e como brincar.

Neste sentido, é possível concluir, afirmando que mesmo considerando os limites da investigação, o ganho foi substancial para todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, durante esses três anos. Os quatro eixos

apontados por Sarmiento e trabalhados nas duas EMEIFs parceiras, ajudaram-nos coletivamente a desenhar uma prática na Educação infantil, mais próxima da criança. Possibilitou-nos como bem retrata Sirota (2001), *uma viagem ao mundo da infância*.

Desta forma, precisamos educar o nosso olhar quando miramos para a infância, entendendo que as crianças vivem contextos sociais adversos. Temos crianças na guerra, na fome, no carinho, na miséria, na atenção, na prostituição, no tráfico, no cuidado, nas mansões, nas escolas de tempo integral, nas várias atividades sufocantes, enfim crianças com múltiplas imagens, de várias classes sociais, etnias, que nos leva a compreender segundo retrata Sarmiento (2004), que existem várias infâncias e não apenas uma.

### **CONCLUSÃO**

A produção científica atual resgata a necessidade de se valorizar a infância e compreender as crianças como sujeitos ativos não somente como reprodutores de elementos culturais, mas também como produtores de cultura.

Apoiando-se no pressuposto da Sociologia da infância, com destaque para as culturas da infância, a pesquisa desenvolvida buscou superar tendências espontaneístas, naturalistas e basicamente diretivas que dificultam um novo olhar para a infância. Buscou, desse modo, compreender a infância na sua pluralidade, contribuindo para que as crianças fossem vistas como atores sociais plenos nas duas instituições parceiras.

Por meio dos quatro eixos: a interactividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reinteração, foi possível constatar que criança desenvolveu vários conhecimentos, entre eles destacam-se: as regras, as condutas, os costumes, os valores, as crenças, enfim, aprendizagens diversas que possibilitam o desenvolvimento nos aspectos sociais, morais, motores, cognitivos, emocionais e éticos tão necessários para a construção da sua identidade.

Em relação as educadoras, à proporção que a pesquisa foi acontecendo, por meio das intervenções, dos seminários (compostos de estudos e reflexões), elas passaram a conceber a criança de maneira diferente, percebendo que cada uma tem seu tempo, inteligibilidade e espaço próprios, retratados nas atividades e nas diferentes formas de expressão e comunicação. Também passaram a observar nas crianças aspectos que até o momento tinham passado despercebidos e que, então, começaram a fazer sentido. Objetos, brinquedos, valores morais, interações, ganhavam nova conotação dentro do contexto. Então, a criança foi tratada como ser social, concreto e que ocupa um lugar na história e,

portanto, a Educação Infantil, deve garantir espaço, tempo e meios necessários para o desenvolvimento das diferentes experiências tão necessárias para a formação das crianças.

Quanto aos discentes da FCT/UNESP que participaram da pesquisa, os avanços foram positivos, pois foi possibilitada a estreita relação entre a teoria e prática e a compreensão das reais condições de trabalho das escolas públicas, ampliando o compromisso social e político desses alunos.

Para os docentes universitários, os conhecimentos adquiridos e as experiências vivenciadas estão sendo imprescindíveis para a atividade de docência, a produção de pesquisas e o enriquecimento da prática educativa, o que está gerando a socialização de conhecimentos que podem servir de suporte para o avanço do trabalho pedagógico de outras instituições ou interessados pelos temas.

Desta forma, salienta-se que esta pesquisa promoveu, além do desenvolvimento e da formação inicial e continuada de todos os envolvidos, também a compreensão de que alfabetizar não é somente ensinar para a criança a leitura e a escrita, mas sim valorizar todas as experiências que possam contribuir para o desenvolvimento integral dos pequenos no contexto da Educação Infantil.

Neste sentido, as diversas condições sociais em que vive cada criança possibilitam-lhe modos diferentes de encarar a realidade, por isso, não se pode falar em infância e sim em infâncias, nem tão pouco querer uma infância idealizada, pois cada criança vive imersa em um determinado contexto sociocultural, e precisa ser reconhecida como ator social, com suas especificidades, seus desejos, seus direitos e deveres.

## REFERÊNCIAS

BROUGÈRE. *A criança e a cultura lúdica*. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, P. *Educação Como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 19<sup>a</sup>. ed. 1989.

SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. *Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Lisboa: Asa Editores S.A. 2004.

SARMENTO, M. J. Infâncias, tempos e espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmiento. *Currículo sem Fronteiras*, v. 6, n. 1, p. 15-24, jan./jun. 2006.

SCHERER, M. R. *A globalização e a infância: reflexos e reflexões nas falas das crianças*. 2007 164 f. Dissertação (Mestrado em educação nas ciências) Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

SIROTA, R. *Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar*. São Paulo: Cadernos de pesquisa, n. 112, Mar/2001.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1988.

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, para manter o anonimato, os nomes das crianças, educadoras e escolas são fictícios.